

# REVENDO O PERCURSO: O RURAL VISTO POR DENTRO

*Maria Esther Fernandes* \*

**Resumo:** Este texto trata das vivências de campo da autora, entre 1980 e 1986, por ocasião da coleta de dados com os lavradores da Fazenda Primavera (Município de Andradina - SP), para sua tese de doutorado. O texto nasceu do desejo de narrar o que a memória e o diário de campo registraram, ao longo da caminhada. De inspiração sócio-antropológica, recolheu fragmentos, cenas, falas, reveladores dos valores que norteiam a vida desses camponeses, de sua cultura. Para além do resultado obtido na pesquisa realizada, sobressai-se o que foi vivido, sentido, observado.

**Palavras-chave:** Fontes orais. Vivências de campo. Fazenda “Primavera”.

**Abstract:** This paper addresses the experience gained by the author in the field, between 1980 and 1986, when data were collected with rural workers of Fazenda Primavera (Municipality of Andradina - SP) for her doctoral research. The text sprung from the desire to narrate what was recorded in her memory and field diary throughout the study. By inspiration on Social Anthropology, fragments, scenes, and oral reports were collected which are indicative of the values that guide those workers' lives and culture. In addition to the findings, emphasis must be given to what was experienced, felt and observed.

**Keywords:** Oral sources. Field experiences. *Fazenda Primavera* (farm).

Ao longo da carreira docente, do mestrado à livre-docência, a pesquisa de campo exerceu sobre mim crescente fascinação, encontrando nas fontes orais valioso instrumento para a investigação da realidade.

Este texto nasceu do desejo de narrar o que a memória e o diário de campo registraram, ao longo da caminhada. Para além do resultado obtido nas pesquisas realizadas, sobressai-se o que foi vivido, sentido, observado. Em campo, o intuito que guiou este trabalho foi sempre o de aprimorar a percepção, refinar a sensibilidade, ampliar horizontes de compreensão.

Além desse dado, é preciso ressaltar que, sob inspiração da professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, de quem sou tributária não apenas pela

---

\* Socióloga. Livre-docente pela Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”. Docente dos cursos de graduação e pós-graduação do Centro Universitário Uni-FACEF. Franca-SP. e-mail: mesther2009@gmail.com

contribuição de seus trabalhos mas – e principalmente, pelas relações de amizade, fui alertada para a necessidade de o pesquisador relatar os caminhos e percalços que enfrentou e não transparecem no resultado de suas pesquisas:

É muito útil narrar o sociólogo suas peripécias ao utilizar qualquer técnica. Têm razão os que se queixam de que, em sociologia a maioria dos pesquisadores exibem o material obtido, analisam-no, interpretam-no, sem descrever como agiram para obtê-lo. Torna-se necessário que se prestem contas, aos outros estudiosos da matéria, não só do critério usado na escolha dos dados, mas também de como estes foram conseguidos e manipulados; contar se o lápis e o papel funcionaram ou não enquanto o narrador falava não é detalhe de somenos importância, como parecem pensar os que se contentam em fornecer o resultado de seus estudos. (QUEIROZ, 1983, p. 174).

Michel Paty (1989, p. 7-14) em “Mémoire des sciences, changements d’ objets”, em torno da questão “Que seria de uma ciência sem memória?” trabalha a idéia da lenta depuração que acompanha o processo de desenvolvimento de uma ciência, ao longo do tempo. (...) Uma ciência sem memória, capaz de esquecer suas raízes, não seria mais que um conjunto de proposições opacas e de objetos técnicos”. (id, p. 7).

Tais colocações remeteram à minha memória. À memória dos caminhos trilhados, desde o ardor, implícito em todo começo, até a percepção mais clara e, sem dúvida, mais insípida, dos limites da ciência e da prudência que deve nortear o trabalho do pesquisador.

Investigando o rural desde 1972, em pesquisas que sempre demandaram trabalho de campo e, portanto, contatos permanentes e, por vezes, prolongados com o “caipira” brasileiro, tomando sua fala como matéria-prima para minhas análises, muitos são os vínculos afetivos que me unem ao homem do campo.

Os camponeses, apesar de constituírem parcela significativa da população mundial, são alvo de escassa produção científico-cultural moderna, principalmente das ciências sociais. A literatura sociológica aponta esse esquecimento e observa que foi a partir do momento em que o “campo” se tornou um “problema prático”, em muitos contextos nacionais, que se transformou em objeto de análise científica.

Octávio Ianni (1968, p. 114) aponta o quanto as artes e as ciências sociais no Brasil tardaram a abandonar a visão externa, episódica e anedótica da massa dos “homens simples” para se preocupar, de modo sistemático, com os problemas básicos que os envolvem, para manifestar um interesse predominante com os “humilhados e ofendidos que povoam o mundo rural e a cidade”.

Carlos Rodrigues Brandão (1984), discutindo os trabalhos atuais das ciências sociais sobre a ideologia dos subalternos do campo, afirma que na

música sertaneja e na literatura de cordel, os sujeitos são cangaceiros, reis e malandros, quase nunca trabalhadores da terra. Letras e temas onde o ofício de lavrar, a condição camponesa e a pessoa são silêncios.

(...) Viajando entre cidades ou pelos sertões, os viajantes estão interessados em plantas e bichos, em ouro e pedras. Sujeitos humanos dignos de atenção são os índios – quanto mais selvagens e pitorescos melhor – e os negros. (...) Os índios aparecem como nações, tribos e culturas. Os negros são tratados através de suas nações de origem. Seus costumes, ritos e falas são descritos cuidadosamente. Mas o lavrador, o “caipira”, o “sertanejo” são uma gente. Nem nação, nem comunidade, nem cultura, são o que existe à beira do caminho por onde passa o viajante que os vê, nunca os sujeitos até onde se vai, como se ia ao índio. (...) Um dia as ciências sociais, por dever de justiça, deverão fazer com os velhos antigos “sábios do lugar” o mesmo que Florestan Fernandes fez com inúmeros folcloristas de São Paulo: reconhecer que eles existiram”. (BRANDÃO, 1984, p. 187/189).

#### A “PRIMAVERA”<sup>1</sup> E OS “VELHOS SÁBIOS DO LUGAR”

Uma vez cumpridas as funções protocolares – entrega de um ofício do meu orientador ao Coordenador do INCRA de São Paulo, solicitando permissão para minha entrada na “Primavera”, fui informada de que poderia me hospedar naquela Fazenda, na sede do INCRA.

A expectativa, então, era a de que a “sede do INCRA” oferecesse razoável conforto. Lá chegando, deparo-me com uma casa de madeira, de dimensões e construção modestas, composta de dois dormitórios, uma sala, um escritório onde os técnicos do INCRA trabalhavam por ocasião das vistorias, cozinha e o banheiro localizado na área externa da casa, ou seja: no quintal.

Como a área não fosse, na época, servida por energia elétrica, a sede contava com um motor-gerador que permanecia ligado até o horário da cozinha servir o jantar e regressar à sua casa, por volta das 18:30. Após esse horário, o motor era desligado, restando tão somente o recurso à lanterna ou lamparina.

Num raio de aproximadamente cinco quilômetros, não havia “viva alma”, pois os assentados residiam além desse círculo, distantes da sede. Na minha primeira noite de permanência no local, motor desligado, tendo apenas a luz da lanterna como guia, na tentativa de me infundir confiança,

<sup>1</sup> Fazenda localizada entre os Municípios de Andradina, Castilho e Nova Independência, na região noroeste do Estado de São Paulo, desapropriada pelo INCRA em 8 de julho de 1980, onde colhi os dados para a elaboração da tese de doutoramento. “A Reforma Agrária no discurso dos lavradores da Fazenda Primavera”. (1986) Ocupando uma área de 9.593,30 hectares, nela foram assentadas 330 famílias, sendo a maioria constituída por antigos lavradores que aí chegaram, no início da década de 30, para desbravar a terra e nela se fixar.

Cacilda, a cozinheira, falou: “Pode dormir sossegada, nem precisa trancar a porta, porque aqui só entra bicho. Cuidado na hora de sair pra fora porque, uma vez, uma assistente social que dormiu aqui, na hora de abrir a porta, topou com um rolo de cobra”.

Foi esse o cenário do meu encontro com os “velhos sábios do lugar”.

Como docente da Unesp, em Franca, aí permaneci ao longo de dois anos, no período das férias escolares, feriados prolongados e mesmo fins de semana, quando meu deslocamento ao local se fazia necessário. Raras vezes tive a oportunidade de minhas idas coincidirem com a permanência dos técnicos do INCRA – o que me oferecia maior segurança.

Todos esses percalços foram sobejamente compensados pela acolhida dos lavradores que, vencidas as primeiras barreiras<sup>2</sup>, mostraram-se incansáveis, quer para me fornecer dados com base em longas e repetidas entrevistas, ou mesmo para me acompanhar até à casa de compadres e conhecidos que, sabiam de antemão, “tinham muita história para contar”. Cercavam-me de gestos de extrema delicadeza, percorrendo a pé longas distâncias para me levar, até à sede do INCRA, ovos, milho de pipoca, mandioca, frutas da estação – expressão da receptividade à minha pessoa.

Muitas vezes, as entrevistas eram realizadas à noite e, certa ocasião, Sr. Lourenço, velho lavrador-afável e bastante prosa -, prontificou-se a me acompanhar até a casa de um compadre. Seu interesse em me auxiliar na localização de dados e pessoas era tamanho que, no percurso, ele me disse: “Dona Maria, se eu fosse homem de estudo a senhora escrevia um romance, levava um saco de coisa”.

A cada retorno da Primavera, a tarefa de transcrição das fitas envolvia-me por um bom tempo, não só em função das horas e horas dedicadas a ouvir várias vezes cada uma das gravações até me impregnar do seu sentido, mas também porque emoções eram reavivadas, vinha à tona o que havia sido observado, sentido, compartilhado por ocasião da entrevista.

Ocorre-me, agora, o texto de Queiroz (1983), segundo o qual “é sempre num momento do tempo” que o pesquisador se defronta com o que foi colhido do relato e o significado da fala assume significado diverso no momento de sua gravação, sua transcrição e sua análise.

Observa, também, que o ideal, numa pesquisa, é que o próprio pesquisador que realizou a entrevista seja, também, o transcritor da fita, pois

---

<sup>2</sup> Pelo fato de ficar hospedada na sede do INCRA, identificaram-me, de início, como funcionária daquele órgão, pelo qual não nutriam simpatia. Isso porque, os técnicos mantiveram-se distantes, não lhes oferecendo a necessária assistência. “*Os técnicos do INCRA não andam atendendo, dona Maria. Eles deveria andar de casa em casa, a pé ou a cavalo, compreendendo a situação de cada um*”. Esse dado foi endossado por técnicos do INCRA e mesmo pelo Coordenador do Projeto, na Primavera, segundo o qual a dificuldade de acesso às famílias foi sempre a grande distância a ser percorrida, assim como a precariedade das estradas, praticamente intransitáveis em razão da maior parte do solo da Primavera ser do tipo *Latossol vermelho escuro*, sujeito à erosão. Sendo assim, com a dificuldade de deslocamento dos técnicos para uma assistência mais efetiva aos assentados, só eram atendidos os que se dirigiam à sede do INCRA, fato que ocorria com uma frequência muito baixa.

apenas ele acompanhou o desenrolar da narração, partilhou das emoções manifestas e apenas ele poderá ir além do que escuta:

(...) o ideal, numa pesquisa, é que o próprio pesquisador que entrevistou o informante, seja também o transcritor da fita. Ouvir e transcrever a entrevista constitui, para ele, um exercício de memória em que toda a cena é revivida: uma pausa do informante, uma tremura de voz, uma tonalidade diferente, uma risada, a utilização de determinada palavra em certo momento, reavivam a recordação do estado de espírito que então detectou em seu interlocutor, revelam aspectos da entrevista que não haviam sido lembrados quando efetuou o registro do dia no caderno de campo, ou mesmo dão a conhecer detalhes que, no momento da entrevista, lhe escaparam. Cada vez que re-escuta a gravação, refaz de certo modo o contexto todo da entrevista, na lembrança, para explorá-la mais a fundo. Assim, a transcrição feita pelo próprio pesquisador contraria uma “despersonalização” da entrevista, que existe com maior ou menor força nos dois casos anteriores (ela se refere àquele que transcreve fitas gravadas como seu ganha-pão ou o pesquisador que não efetuou as entrevistas, mas foi encarregado da transcrição) e que, mais tarde, será sociologicamente necessária. (QUEIROZ, 1983, p. 82).

Como lembra Ferrarotti (1980), diante dos relatos, a sensação que toma conta de nós é de nunca estarmos suficientemente atentos e sensíveis para compreendê-los a fundo.

Penso que a única expressão capaz de definir a sensação que tomava conta de mim, ao ouvir os mais velhos, é encantamento. Preocupados em fornecer os dados com exatidão, exercitando a memória para recriar o passado distante, não percebiam o tempo gasto com longos relatos. Por meio dessas vozes, muitas vezes enfraquecidas pelas marcas do tempo, emergiam vigorosamente – tal como broto salta da terra – sua experiência e sabedoria.

O momento da transcrição dos relatos era sempre acompanhado pelo som de suas vozes. Cada uma delas me diz alguma coisa; cada uma delas espelha uma história de vida. Semelhantes, sem dúvida, porque marcadas pelos mesmos infortúnios que cercam a vida do camponês; semelhantes, também, porque nelas estão presentes as mesmas singelas alegrias.

Lamento o fato de o leitor deste trabalho se defrontar apenas com os “signos mortos da escrita”, privado do essencial: das vivas emoções presentes na voz dos informantes, através da qual se vislumbravam as nuances da dor, da indignação, da bravura, das lágrimas, das alegrias, dos eloquentes silêncios, daquilo que não retorna “(Chi, minha filha... saudade... Saudade, minha filha, eu vou falá pra você, já não tem mais nem jeito de tê saudade, porque já passou mesmo, né?)”.

Nada poderá expressar a eloquência dos depoimentos feitos à viva voz.

Interpretação alguma poderá traduzir a emoção contida no apelo do senhor Lourenço que se viu obrigado a vender o trator e “*até as ovelhas do terreiro*” para saldar as dívidas contraídas com o Banco do Brasil, em decorrência de dois péssimos anos agrícolas, um de muita seca, outro, de chuvas excessivas, o que ocasionou perdas na lavoura.

Procura, dona Maria, procura pelo amor de Deus, quero que voceis estuda, manda uma pessoa de competência, manda, senhor Presidente da República, manda um secretário, um home de brilho que tem tanto home em Brasília que passa no televisão, manda vê o que to fazendo aqui! De onde vem essa lei? Eu queria perguntá pra senhora e pro Presidente, onde acharam essa lei de juro e correção monetária em cima de um pobre de roça?

Ou, então, a fala imperturbável, resignada, do Sr. Massao (cuja história de vida é uma história de perdas com a lavoura), toda ela expressa num mesmo tom de voz, como se os fatos narrados tivessem todos a mesma conotação: a morte, as perdas ou a alegria de uma “boa lembrança” com a compra de um trator.

Não foram poucas as vezes em que fui surpreendida pela precisão das palavras por eles empregadas para definir determinada situação ou circunstância: “(...) foi tirando depressa o chapéu feito um praça treinado”. Ou, então, o ritmo cadenciado da voz, ao espelhar as condições de vida de quem trabalha na roça: “ele véve preto, véve queimado, véve sujo, véve judiado”. Ou, ainda, a perspicácia de raciocínio quando se refere à sorte dos companheiros que, impossibilitados de saldarem as dívidas contraídas com o Banco do Brasil, viram-se obrigados a entregar suas terras para serem leiloadas pelo Banco. “Se fosse assim, dona Maria, eu acho que era pra tê uma lei pra tomá o país pra pagá a dívida externa”.

A presença do gravador não os constrange ou intimida. “Pode mandá tocá em alta escala que é pra qualqué um escutá. Eu falo isto e não tenho medo; falo em presença do Presidente (...) pode ser dentro de Brasília, dentro do Senado, eu falo isso, peço licença e falo”.

Por ocasião da elaboração de meu trabalho sobre Reforma Agrária<sup>3</sup> a técnica utilizada para a coleta de dados, entre os lavradores, tinha como

---

<sup>3</sup> FERNANDES, Maria Esther. *A Reforma Agrária no discurso dos lavradores da Fazenda Primavera*. Tese de doutoramento apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1986. Em 1980, início meu doutorado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. O projeto original de pesquisa “Comunicação e Poder: a questão da terra na imprensa brasileira” pretendia analisar as interconexões existentes, no contexto histórico do período 60-82, entre questão agrária e dimensão política da comunicação de massa, de forma a apontar de que maneira os fatos ligados à questão da terra, no Brasil, eram veiculados pela imprensa escrita. Em 1981, um ano após o início da coleta de dados, a conjugação de dois fatores levou-me à mudança do objeto: a) a luta pela posse da terra do país assumia, naquele momento, grande significação; b) a participação em um seminário promovido pela CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos), em que uma mesa-redonda discutiu a metodologia nas ciências sociais, sensibilizou-me. Michel Thiollent e

objetivo fundamental garantir aos informantes a liberdade possível de expressão, dentro dos limites da situação criada pela entrevista. Dessa maneira, muitas vezes, em longos depoimentos, o que sobressaía da fala dos mais velhos não eram os dados vinculados à luta pela posse da terra. Falavam de suas vidas. Lembranças da juventude, - “meu tempo de moço novo” -, da mesma forma como expressavam suas preocupações com relação ao futuro.

Olhe, eu vou te explicá pra você. Não vai muito longe, não. Daqui a uns 20 anos, não vai ninguém querê trabalho na roça, não. Porque você não tá vendo aí? Todo mundo tá estudando. Um pra sê engenheiro, outro advogado, outro pra professor, outro não sei mais o quê. Vai sê tudo estudado e o governo não vai tê emprego pra eles. Lavoura, ninguém que. Não sei o que vai sê não. Vai chegá um ponto que vai faltá lavoura.

Os mais velhos falam da época em que chegaram. Das dificuldades encontradas, da riqueza da terra virgem, das madeiras, das colheitas fartas.

Ceguei aqui no dia 10 de agosto de 1941. Ah, minha filha! Aqui dava uma lavoura! Aqui, você plantava arrois nesse espigão que ficava da minha altura. Teve ano de eu plantá seis alqueire e colhê trezentos saco. Naquele tempo você plantava feijão da seca, plantava no meio do milho.

Como se pode depreender dos relatos, os mais velhos se lembram não apenas do ano de chegada, mas também do dia, e alguns fazem questão de mencionar até a hora. “Cheguei aqui no dia 11 de janeiro de 1948, três hora da tarde. Isso aqui era só mato. Viemo a pé de Andradina até a sede da fazenda”.

Ecléa Bosí (1979a), em sua clássica obra sobre lembranças de velhos, na esteira do pensamento de Bergson, trabalha a idéia das “duas memórias: a memória-hábito, de caráter mecânico, produto de um “adestramento cultural”, adquirida por meio do processo de socialização e a imagem-lembrança, de caráter evocativo:

“(...) a lembrança pura, quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível de vida (...) a imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma

---

outros pesquisadores demonstravam sua preocupação com a captação da informação nos dispositivos de pesquisa social, chamando a atenção para o fato de que, contra os riscos de “imposição da problemática” associados ao dogmatismo e à prática autoritária na investigação social, era preciso restituir aos pesquisados, possibilidades de iniciativa e criatividade, salvaguardar a autonomia do informante, de modo a trazer para o nosso mundo o seu saber. Seguindo essa linha de raciocínio, meu foco de interesse deslocou-se para a “Fazenda Primavera”, alvo de um litígio de terras que se arrastava ao longo dos anos e onde “homens do campo” – para utilizar a expressão de Brandão – transformavam-se em “sujeitos políticos”. Assim, com o tema “A reforma agrária no discurso dos lavradores da Fazenda Primavera”, tomando como fio condutor do trabalho a fala destes lavradores, enfoqueei a discussão da Reforma Agrária sob um outro prisma, ou seja: o do rural visto por dentro.

situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia”. (BOSI, 1979a, p. 11).

A cada retorno do campo, não apenas o texto ia tomando maior consistência como, também, lições iam sendo incorporadas. Numa entrevista, uma senhora de sessenta e três anos, esposa de um velho lavrador, relatou as dificuldades para conciliar trabalho doméstico, a criação dos filhos e as lides da roça:

Ah, minha luta foi uma luta muito triste porque eu criei os meus filho na roça. Sete filho, tudo na roça. Eu levantava de madrugada, fazia o almoço e já pegava a vasilha de comida e saia mais ele (ela se refere ao marido) e já ia pra roça. Chegava em casa 5h e 30, 6h. Aí eu tinha que fazê janta, dá banho nas criança, nos mais pequeno, os mais grande sempre me ajudava. (...) Lavá roupa eu lavava no domingo, fazia pão pra não empatá a semana de jeito nenhum. (...) Toda vida foi assim, toda vida. Nunca parei de trabalhá, de lutá, mas a situação da roça é pouca mesmo, não dá. Quando acaba de colhê é consta de pagá o que deve (...) Tem que aguentá a peleja até o dia que Deus quisé. Como diz, fazê da fraqueza, força, né?

Os relatos de vida têm função ética. O informante não conta apenas para informar ou confirmar sua identidade. De sua narração depreende-se uma lição de vida, uma moral. (“Mas como lá diz, fazê da fraqueza, força”. Ou, então: “A senhora pode me escutá definitivamente porque o caminho é um só: a luz da verdade brilha até na escuridão da meia-noite”).

Os elementos presentes nas histórias de vida desses camponeses nos conduzem a uma série de inferências capazes de possibilitar uma compreensão mais aprofundada do universo em que está inserido o homem do campo. Neles estão cristalizadas não só as representações sobre seu cotidiano – dobrado sobre a luta pela sobrevivência –, mas, também, a idealização de um mundo: a utopia de um projeto onde lavrador e governo se auxiliem mutuamente. “Ah, Senhor Presidente, nos ajuda, porque assim nós poderia pagá essa dívida externa que eu vejo aí”.

À idealização da fartura da roça (“tem que ajudá esse povo fazê lavoura, dona Maria, cada dia pra perdê (...) bastante arrois, o milho, o feijão, a mandioca, vaca de leite bastante”), contrapõe-se a realidade de uma existência voltada para os limites da sobrevivência. (Cinquenta cruzeiro eu e a patroa gasta por mês (1986). E come mal, como mal”).

No centro de seus temas, as marcas de sua trajetória. Da infância à velhice, sobressaem-se, em suas histórias de vida, exclusão, ausência dos bens desejados, dificuldades, perdas.

Estou cansado. Trabalhei demais. Da idade de sete anos que eu venho trabalhando. A escola ficava assim, como daqui, ali, onde tá aquela cerca, e meu pai

não deixava estudá. Era trabalhá, trabalhá.  
Nunca tive gosto de vida. De passeá, não.

Olhe, eu encontrei problema duro aqui. Ferida brava, (a senhora ouviu falá?).  
Cobra tinha muita. Maleita. Eu vi gente deitado de maleita. Eu mesmo peguei  
maleita aqui que eu curei com limão. (...) Peguei uma ferida brava aqui no  
umbigo, outra no joelho, foi duro sará.

Plantei quinze alqueire de arrois que tava uma beleza. Você entrava nele, você  
sumia. Quando chegou o tempo do arrois cacheá, esbranqueceu tudo. Perdi os  
quinze alqueire de terra.

Cumpriu o seu “destino” de homem da roça. Percebe que os seus  
valores mais prezados não o qualificam perante o urbano. Mesmo assim, não  
abdica deles:

Eu acho que vou tê uma grande força e, ao menos, um bom lugá. Deus há de  
abençoá todo esse pessoal pra gente tê uma vida mais sossegada, melhó, todo  
mundo tê fartura, vizinho perto da gente... ó, fulano eu tenho aqui! ó, fulano,  
vai ali, me ajuda...

Independentemente do tema abordado, sempre presentes nas narra-  
ções, sobressaiam-se os valores básicos que norteiam suas vidas: a família,  
Deus, o trabalho – tríade harmoniosa, elementos vitais de sua cultura, mes-  
clando-se e completando-se mutuamente, cada qual conferindo sentido ao  
outro, na superação do que lhes parece ser o cumprimento de um destino: a  
vida na roça.

O que Deus nos ensinou? O trabalho honesto de sol a sol e chuva; que hoje eu  
sofro uma queimação nas costa, e na perna que não agüento. De friage, de  
vium a chuva e tá tombando terra com animal e com aquele corpo de tombá a  
terra aquela chuva me pegava.

Eu já to cansado, filha, eu tô cansado de trabalhá já. Eu se achava um jeito de  
pará, eu parava, viu? Não guento mais.(...) Trabalhei demais. Da idade de  
sete ano que eu venho trabalhando. (...). Mas eu to contente. Porque quem  
trabalha sempre Deus ajuda, né?

Eu já trabalhei, Deus me livre! Ta bom demais hoje. Eu já trabalhei numa  
medida que a senhora precisa de vê... o tanto que eu trabalhei. Mas, eu agra-  
deço muito a Deus porque a família tá criada, todo mundo tem muita amizade,  
isto é que eu quero.

Minha vida é sempre gostosa porque, graças a Deus, tenho dez filho, tudo  
vivo. Meu marido é muito bom pra mim. A vivência é esta de passá necessida-  
de. Mas ta bom do jeito que ta.

Ao final de um processo de vida pautado na luta pela sobrevivência, e cujos limites vão se tornando cada vez mais estreitos, estes velhos camponeses expressam, em seus relatos, a matriz de seu processo de socialização. A felicidade está no cumprimento do dever, na família criada, nos filhos crescidos, no trabalho, no apego aos valores cristãos. (“Daquele tempo até hoje, não tive descanso de jeito nenhum. Mas eu tô contente, porque quem trabalha sempre Deus ajuda”).

O informante das camadas menos privilegiadas acredita que o saber do pesquisador se estende a todas as áreas. Não há o que o pesquisador possa desconhecer. Além dessa prerrogativa, acrescente-se outra: o pesquisador é identificado como alguém que detém poder e circula livremente por suas esferas, com condições de encaminhamento e solução dos seus problemas. “Procura o Presidente da República, procura qualquer um – como uma moça inteligente que a senhora é – pra ver se acaba com esta lei de correção monetária do homem do campo”.

Então, eu tenho toda a certeza que eu conversando aqui com a senhora, o que passou, eu sei que isto vai pra muito longe. Então, lá eles sabem. O meu nome é Gerôncio Queiróz dos Santos. É quem pede estas coisas, pra ajudá. Quem está em cima do asfalto, não precisa de estrada. Mas nós que estamos aqui, longe, nós não “tem” uma força, nós não “pode” fazer nada. Então, tem que ajudá a gente.

(...) Pede, se tiver chance, eu gostaria de escutar “no televisão” estas palavras que eu “to” falando aqui com a senhora que mandou gravar e dizer pela rádio “Globo”.

Bom, dona Maria. O seguinte é isso aqui. É bom que a senhora vem aqui, porque a senhora é uma pessoa de lá do meio do povo. Eu não vou lá, vivo aqui trabalhando, mas eu tenho assistido (que eu assisto, eu tenho uma televisãozinha aqui, assim mesmo que não é nem à força, mas eu “to” assistindo)... Então, o governo é uma pessoa que não poderia fazer bem pra todo mundo, porque não sabe, ele não me conhece, né? É muita gente.. Eu acho que se eu pedisse pra ele, eu era recebido. Se chegar um velho “quinem” eu lá, eu sou recebido mesmo. Então, é bom que a senhora vem aqui e vê as coisa e pode conversá que as coisa “tão” ficando cada dia mais difícil.

O conteúdo dessas verbalizações é um indicativo das percepções que tem o homem do campo sobre a figura do pesquisador, assim como das relações do agricultor com o governo. No seu horizonte, sem condições de entender a amplitude e a complexidade das relações em que está envolvido, a possibilidade de uma aproximação real, existe. Um dos caminhos seria a proximidade física com a pessoa do Presidente: “Se chegar um velho “quinem” eu lá, eu sou recebido mesmo”.

A história do laço que se estabelece entre pesquisador e seu informante no contexto da entrevista é quase sempre a história de uma relação que marca um e outro. Tal encontro raramente deixa ilesos os dois parceiros.

O processo de produção de um relato de vida não é simples. Se o pesquisador dele se utiliza apenas para obter do outro as informações que ele é capaz de fornecer, ele oferecerá muito pouco, pois é a própria natureza da relação estabelecida com o informante que o torna vazio ou pleno de sentido. É ela quem determina o interesse, a dificuldade (ou a ambiguidade) – da pesquisa.

Os resultados obtidos numa pesquisa, através dos fundamentos teóricos e metodológicos oferecidos pela ciência, são produto de decisões que revelam o envolvimento e compromisso do pesquisador com o problema investigado. Na pesquisa social, no terreno do humano, onde pessoas, seus sentimentos e relações são investigados, a utilização das técnicas e métodos sempre provoca angústia no pesquisador. Ferreira (1981), discorrendo sobre o tema, afirma que essa angústia não fica resolvida pela escolha da metodologia ou pelos resultados obtidos na pesquisa; ela acompanha a trajetória de busca do conhecimento, interferindo a cada momento, modificando-a, às vezes, extrapolando até os limites do trabalho para questionar os valores do pesquisador.

A propósito, lembro-me de um dia, quando o “velho Lourenço”, como o chamam na Primavera – um dos mais antigos moradores daquela fazenda, de memória privilegiada – após o término de uma de nossas longas conversas, chamou-me a um canto e, em voz de quem reclama segredo, perguntou-me: “Dona Maria, de irmão para irmão, a senhora me dê uma orientação: eu devo pagar o banco amanhã”? Lancei mão de todos os recursos, na tentativa de lhe explicar que realmente não sabia como ele deveria proceder. Aconselhei-o a procurar o advogado que os assistia no momento, nos embates que travavam com as dívidas contraídas no Banco do Brasil, em decorrência de dois péssimos anos agrícolas, o que ocasionou perdas na lavoura. Mas, pela expressão de seu rosto, ficou-me a sensação de que eu escamoteara a informação correta.

Embora tivesse explicado, desde o primeiro momento, as razões de minha presença entre eles, referiam-se sempre ao meu trabalho como “projeto”. “Ela vai levar este projeto adiante, vai levar tudo pros homens da lei, lá em Brasília. Eu tenho certeza disto”.

Colocações dessa ordem me traziam muita angústia e a eles, também, uma vez que a falta de acesso do informante aos instrumentos, processos e resultados da pesquisa, assim como a dúvida acerca da eficácia desses resultados para modificar a realidade objetiva na qual se acham mergulhados, colocam em questão a própria pesquisa científica tradicional. “É um projeto? Vai para o Ministro? Vai para o Presidente? Se não, eu estou perdendo meu tempo!”

Em momentos como esse – e não foi o único – questionei meu papel de pesquisador e, por vezes, senti vontade de poder abandonar tudo e tomar o partido daqueles que me confiavam as particularidades de suas vidas e de suas lutas.

Pesquisa de campo envolve não só angústia mas, também, encantamento que advém do que é revelado através do discurso do informante: sabedorias insuspeitas, corajoso enfrentamento da vida, singelas alegrias, lições de solidariedade: “Eu ajudei. Graças a Deus, no que eu pude, ajudei. As formigas são pequeninhas, mas a senhora pode assuntá. No lugar delas, quando elas junta tudo, quanto é outro dia, ta uma ruma de terra. Quem carregou? Tá feito, né? Se não tiver uma demão é duro...”

É preciso, então, numa pesquisa dessa natureza, tomar com cuidado esse conjunto complexo de relações que se estabelecem entre pesquisador e pesquisado. Em outras palavras, é preciso, como diria Devereux (1980), estar atento a esse “lugar de perturbação” que cerca a pesquisa de campo.

Embora o propósito deste trabalho não seja o de dar realce a fatos e circunstâncias que envolveram os lavradores na luta pela implantação da Reforma Agrária, na Primavera, para terem assegurado o direito de permanência na terra por eles desbravada, há episódios revestidos de tamanho significado, que vale a pena relatar. Entre eles, o do velho Gerôncio, o mais antigo morador da Primavera, na ocasião com setenta e dois anos, e seu destemor no enfrentamento com os capangas da Fazenda:

A luta aqui foi forte, eu que sou velho, sei contá. Vieram aqui e falaram que era pra sair, pra ir embora, pra assiná despejo.” Assina aqui “. Eu não assino. Eu disse que eu tinha feito minha casa com meu serviço, não foi dada assim, porque eu não podia jogá o que eu tinha no mato.(...) Eu vou falá pra senhora como é que eu lutei e se fosse preciso, a gente preferia lutá mais do que isto. Eu lutei foi assim... mas eu não fui pegá em revólver, em espingarda, não senhora. Deus deixou a justiça certa : deixou uma aqui na terra que a senhora tá com ela e outra, divina, de cima, pra lá .

Outro fato diz respeito a Olair, filho do velho Lourenço, na época com quarenta e um anos. Certa noite, passando por sua casa para colher seu depoimento a respeito da atuação da CPT ( Comissão Pastoral da Terra ) de Andradina, na Primavera, encontro-o debruçado sobre a mesa da cozinha, escrevendo, à luz de lamparina. Relata-me, então, que resolvera registrar os episódios que ele considerava mais importantes, anotando em um caderno o “diário” desse período. À noite, cumpridas as tarefas do dia, lutando com as dificuldades que sua mínima escolaridade lhe impunha, dava início a outra tarefa, não menos árdua que a labuta de lavrador lhe reservava durante o dia. Defrontava-se, agora, com o abstrato dos signos linguísticos para “deixar para meus filhos e meus netos” a memória daqueles que não se intimidavam

ao perceber que “nos limites de sua luta está o poder; nos limites de sua existência estão o trabalho, a polícia e o dinheiro”. (IANNI, 1968, p. 117).

Também pude verificar, na Primavera, a simbiose homem-natureza, a forte ligação e o respeito que por ela nutrem, a ponto de um velho lavrador perfazer, a pé, uma distância de 2 quilômetros para apagar o fogo que ameaçava a vida de um jatobá.

Isto foi de 59 pra 60. Um “Chevrolet” levava uma aroeira ali, na divisa da “Progresso”, de 20 ms de comprido por 70 de topo. Ia subindo até o meio e voltava. Daí foi preciso cortar no meio. Essa fazenda foi uma riqueza, mas consumiram com tudo. Eu mesmo, de dó, sem ganhar nada, - veja - eu cheguei a ir daqui onde tinha esta madeira (daqui lá dá uns 2 quilômetros), fui apagar o fogo de um jatobá que era um mundo, todo verde. Toda vida teve, dona Maria, guarda florestal. Durante este período não vi um guarda florestal pra proibir cortá madeira verde.

Entre eles, a solidariedade vicinal a que se referia Antônio Cândido (1964) se mantém viva. Se suas práticas entraram em declínio, o princípio que a norteia resistiu ao tempo. Assim, o desejo de fartura, de dias melhores que hão de vir e até mesmo as bênçãos de Deus que deverão se estender muito além da “Primavera”, à humanidade como um todo, conforme expressam os depoimentos abaixo.

Tem que ajudá este povo fazê lavoura, dona Maria, cada dia pra perdê. Porque quando em um lugar dá muito, outro não dá nada. Tem diversos lugar que se a senhora andá neste mundo, a senhora chora. (Diz o povo, corre o boato). Então, cada dia tem que tê mais: bastante arrois, o milho, o feijão, a mandioca, vaca de leite, bastante. Porco, cabrito. Tê as coisas pra “fartá.. Não pra tê.

São pessoas bacana. E todo dia a pessoa há de pedir. Por todos, do mundo inteiro: não é só aqui pra dentro, não. Pedir pro mundo inteiro. Eu acho que vou ter uma grande força e, ao menos, um bom lugar. Deus há de abençoá todo esse pessoal pra gente ter uma vida mais sossegada, melhor, todo mundo ter fartura, vizinho perto da gente... Oh, fulano, eu tenho aqui. Oh, fulano, vai ali, me ajuda. Isso é o que eu quero pro futuro.

Ecléa Bosi (1979b) já fizera referência a esses valores enraizados nos membros das classes pobres, sedimentados no trabalho comum, no enfrentamento de condições de vida muito semelhantes, que os levam a compartilhar uma espécie de comunidade de destino.

Se existem duas culturas, a erudita terá que aprender muito da popular. (...) E se um dia a classe pobre alcançar a gestão sobre seu destino, a sua cultura não deixará de englobar os valores dos que trabalham, valores que se opõem aos dos que dominam. Valores como interesse verdadeiro pelo outro, a maneira

direta de falar, o sentido do concreto e a largueza em relação ao futuro, uma confiante adesão à humanidade que virá, tão diferente do projeto burguês para o amanhã, da redução do tempo ao contábil, que exprime o predomínio do econômico sobre todas as formas de pensamento. (1979, p. 30).

No discurso de nossos informantes, o contraponto passado/presente, juventude/velhice compõe o cenário onde se descortinam suas lembranças. O presente é a velhice, o despojamento, o momento do legado.

“Deus deixou a terra pra passá de pai pra filho, de filho pra neto... Eu já tô velho, tô pra morrê e não preciso mais de terra. (...) Tenho pros meus filho. Mas se os filho e os neto tivé minha opinião, nunca ela vai sê vendida. (...) Deus deixou a terra pra todo mundo trabalhá, não pra vendê”.

É também o momento de rememorar, de dobrar-se sobre o vivido. Certo dia, no final de uma longa entrevista, onde o depoente narrava a luta enfrentada pelos lavradores da “Primavera” para permanecerem na terra por eles desbravada, após uma longa pausa, na qual só se ouvia o ruído da fita no gravador, vieram estas palavras, entremeadas de reticências:

(...) Eu tenho dia que eu fico acordado assim... toda vida..., penso bem aquilo da orientação... do caminho... da verdade... (...) e às veis eu fico pensando naquele tempo que eu era moço, que eu trabalhava dentro do mato..., roçando..., derrubando aqueles terreno – aquilo tudo verde... – precisa de vê – dum verde que a senhora não pode imaginá. Então, a gente acorda... e fica pensando assim:- Mas sim sinhô!... tá bom... É, dona, até suei. A senhora qué té a bondade de por prá tocá pra eu escutá o que falei? (Retirou o lenço do bolso e enxugou as lágrimas).

É o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e dobram-se sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número de imagens de outrora, e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora. (BOSI, 1979a, p. 39).

O tom de confiança, as pausas, os eloquentes silêncios fornecem ao pesquisador as chaves para a compreensão de certos estados de alma difíceis de serem interpretados. Como transformar sentimento em pensamento?

E é assim que para o velho camponês – desprovido dos bens e do conforto que protegem a velhice das classes abastadas (“(...) a senhora vê, eu tô aqui, não tenho luz, aqui tem lampião. Se entrá uma cobra dentro de casa, a pessoa não vai enxergá, tem que sê lampião pra lumiá” – eu não posso ter acesso à caixa de tesouros que preserva seus sonhos de juventude. Em suas representações, a distância que me separa daquela realidade é

intransponível, e eu não tenho como penetrar aquele momento, imaginar aquele verde – o verde de sua juventude. Ao alcance dos meus olhos, nada mais que o rosto devastado, o corpo alquebrado, as mãos embrutecidas pela faina do campo. Leio em seu rosto a complacência com que os mais velhos aceitam as limitações dos que pouco caminharam.

Não posso saber que matizes de verde teceram seus sonhos; que imagens – já tão deslocadas – teriam conseguido resistir ao tempo.

Informando, edificando ou modelando sua própria imagem, estes velhos camponeses, através de relatos – “foto retocada” – buscaram, ao mesmo tempo, conferir coerência ao passado e legitimar sua existência.

A presença do pesquisador é uma solicitação, uma solicitação ao trabalho da memória. Esses informantes trabalharam, exercitando a memória para recriar o passado distante.

O pesquisador não tem acesso ao conjunto de lembranças que vieram à tona na memória de seus interlocutores no momento da entrevista, mas tão somente àquelas que lhe foram reveladas. Assim, uma porta lhe é vedada e ele não saberá jamais que reminiscências, que evocações, que vestígios do passado, que “perturbações” sua presença teria provocado no informante. Se o velho camponês, “ressuscitado” por uma ascensão de lembranças teria sido levado à consciência de sua grandeza, de seu valor enquanto homem, enquanto lavrador, enquanto membro de uma “comunidade de destino”, ou se o ato de rememorar teria reavivado imagens que o interlocutor preferiria ver apagadas.

Os relatos transcritos neste trabalho revelam parte da história do campesinato brasileiro, frente ao avanço do capitalismo no campo.

Por meio deles, com sua fala – perpassada de riqueza, de detalhes singulares, de emoção – espelha-se não só a imagem dos “velhos sábios do lugar”. É a comunidade camponesa quem projeta nesses depoimentos suas lutas e opressões, juntamente com seus valores e aspirações.

Os valores que orientam sua conduta, que norteiam seu cotidiano permanecem imutáveis diante das vicissitudes da vida porque se encontram enraizados em seu ser: o amor ao trabalho, a crença em Deus, a honestidade, o senso de justiça. “Daí o fato de encontrarmos nela (cultura) uma continuidade impressionante, uma sobrevivência de formas essenciais, sob transformações de superfície, que não atingem o cerne senão quando a árvore já foi derrubada e o caipira deixou de o ser”. (CÂNDIDO, 1964, p. 61).

#### OLHANDO À DISTÂNCIA

O relato dessas vivências, o rememorar o que foi vivido, sentido, observado, às vezes, apaixonadamente, traz à tona muitas emoções. Retalhos de imagens, rostos, vozes são reavivados neste momento.

Hoje, olhando à distância, percebo que foram essas vivências as responsáveis pela ampliação do olhar e da sensibilidade a ponto de ler o que se

encontra subentendido no discurso do informante, ser capaz de “fotografar o silêncio e o perfume do jasmim”<sup>4</sup>, ou seja, ir além do que meramente salta aos olhos. Elas deitam luz no que havia sido lido, pesquisado, obrigam-me a rever muita coisa, incitam-me a buscar novas leituras, a debruçar-me no desvendamento de outras realidades, enriqueceram meu espírito.

Os ganhos foram de tal monta que superaram, sobejamente, as dificuldades encontradas, as contingências do campo. Não fossem essas vivências, não teria tomado contato com muitas lições: a solidariedade e a resistência presentes na fala dos velhos lavradores da “Primavera”, o necessário despojamento para desvendar realidades até então reveladas tão somente pela cultura livresca.

Tais evocações – o aspecto mais humano de rotina da pesquisa – me remetem a uma mesa-redonda realizada em Marília (agosto de 94), “A arte de fazer pesquisa”, em que Heloisa Martins fez referência a um texto de Nisbet que discute as relações da ciência com a arte. Segundo ele, sejam quais forem as diferenças significativas entre ciência e arte, é o que elas têm em comum o mais importante para a descoberta e a criatividade “os avanços intelectuais mais significativos da sociologia foram feitos sob o impulso de estímulos e através de processos que partilha extensamente com a arte” (NISBET, 1970, p. 1).

Da mesma maneira como a sociologia, a física e a biologia são uma ciência, cada uma delas é também uma forma de arte “e, se nos esquecermos disso, corremos o risco de perder a ciência, restando-nos apenas o empiricismo exagerado ou o narcisismo metodológico, cada um deles tão distante da ciência quanto a arte está dos outdoors”. (NISBET, 1970, p. 1).

Pesquisa como arte. Pesquisa como artesanato. O narrador de Benjamin, tecendo sua narrativa. Alma, olho e mão inscritos no mesmo campo. O pesquisador, entre angústia e fascinação, debruçando-se sobre sua arte rumo à aventura: a aventura da ciência e da criação.

Nada mais expressivo para concluir este texto que esta passagem de Roberto Cardoso de Oliveira porque une o começo ao fim, sintetiza, de modo eloqüente, o que tentei expor até então:

Costumo dizer aos meus alunos que os dados contidos no diário e nas cadernetas de campo ganham em inteligibilidade sempre que rememorados pelo pesquisador; o que equivale dizer, que a memória constitui provavelmente o elemento mais rico na redação de um texto, contendo ela mesma uma massa de dados cuja significação é melhor alcançável quando o pesquisador a traz de volta do passado, tornando-a presente no ato de escrever. Seria uma espécie de presentificação do passado, com tudo que isso possa implicar do ponto de vista hermenêutico, ou, em outras palavras, com toda a influência que o “es-

<sup>4</sup> BARROS, Manoel de. O fotógrafo. In: *Ensaaios fotográficos*. Rio de Janeiro São Paulo: Record, 2003.

*tando aqui” pode trazer para a compreensão – Verstehen – a interpretação dos dados então obtidos no campo. (OLIVEIRA, 2006, p. 34).*

Revedo o procedimento por mim utilizado, nas pesquisas realizadas, posso afirmar que o objetivo principal foi sempre a tentativa de uma proximidade maior com o informante, de modo a melhor compreender seu universo de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979a.
- \_\_\_\_\_. Problemas ligados à cultura das classes pobres. In: VALLE, E.; QUEIROZ, J. J. (Orgs.). *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez & Moraes/EDUC, 1979b.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ideologia das classes subalternas. In: *Anais do Seminário Revisão Crítica da Produção Sociológica voltada para a agricultura*. São Paulo: ASESP/CEBRAP, 1984.
- CÂNDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- FERNANDES, Maria Esther. *A Reforma Agrária no discurso dos lavradores da Fazenda Primavera*. 1986. 202f. Dissertação (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FERRAROTTI, F. Les biographies comme instrument analytique et interprétative. *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Numéro Spécial. Histoires de vie et vie sociale, Paris, v. 69, p. 223-245, 1980.
- FERREIRA, Rosa Maria Fischer. A relação de dominação na pesquisa social. *Revista de Cultura e Política*, n. 3, 1981.
- IANNI, Octávio. A mentalidade do homem simples. *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 18, mar./abr., 1969.
- NISBET, R. A. A sociologia como uma forma de arte. In: NISBET, R. A. *Tradition and Revolt: historical and sociological essays*. Trad. de Sylvia Gemignani Garcia. Rev. de Heloisa H. T. de Souza Martins. New York: Vintage Books, 1970.
- OLIVEIRA, R. C. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed., Brasília: Paralelo 15/ São Paulo: Unesp, 2006.
- OLIVEIRA, Luis R. C. O ofício do antropólogo ou como desvendar evidências simbólicas. *Série Antropologia*. Brasília, vol. 413, p. 7-21, 2007.
- PATY, Michel. Mémoire des sciences, changements d’objets. In: ZAVIALOFF, Nicolas; JAFFARD, Robert; BRENOT, Philippe. *La mémoire*. Paris: L’Harmattan, 1989.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. 2. ed. São Paulo: CERU - FFLCH/USP, 1983. (Coleção Textos, 4).